

**ENTRE FICÇÃO E MEMÓRIA
DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL**

Talita Vieira Barros (UENF)

tv.barros@yahoo.com.br

Caroline de Almeida Delgado (UENF)

mademoiselle.caroline82@gmail.com

Paolla dos Santos Souza (UENF)

paollasantoss@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar o livro intitulado *Os Carbonários* (SIRKIS, 1980), fazendo um contraponto entre a visão de Philippe Lejeune em *O Pacto Autobiográfico* (2008), acerca dos textos autobiográficos que não possuem, segundo ele, um caráter inventivo ao relembrar o passado e a visão daqueles que revelam a memória como uma readequação das lembranças a partir da linguagem, sendo, portanto, passíveis de ficcionalização. Para a pesquisa, será feita a contextualização do período histórico a partir da abordagem da crítica literária. Após esta etapa, serão destacados alguns trechos do livro que revelam traços ficcionalizantes nas memórias de Alfredo Sirkis.

Palavras-chave: Autobiográficos. Ficcionalização. Memória.

1. Introdução

O presente trabalho de caráter ensaístico é uma reflexão acerca das memórias do Alfredo Sirkis do período de militância política no Brasil durante a Ditadura Militar e o processo de transformação dessas lembranças em escrita, que culminou na composição do livro *Os Carbonários*, em 1980, que é apresentado ao leitor como “memórias da guerrilha perdida”.

A proposta da pesquisa é mostrar que a recuperação dessas memórias não se faz de modo linear, o que acaba por contribuir para a reconstrução do passado de forma não totalmente fiel ao que ocorreu, acarretando na compreensão de ficcionalização dos relatos, não entendido como mentira ou falta ética, e sim como uma representação do real por

meio da linguagem.

A pesquisa tem como ponto de partida as reflexões de Philippe Lejeune no livro *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*, em que trata a autobiografia não como “simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro” (2008, p. 36), no que denominou pacto referencial, segundo o qual “fornece informações de uma ‘realidade’ externa ao texto”, seguindo a fórmula “juro dizer a verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade”.

No contraponto a essa visão de Philippe Lejeune, será feito uso das pesquisas de Jacques Le Goff e Michael Pollak sobre a memória e os procedimentos para a recuperação da mesma por meio da lembrança e do esquecimento, que revelam o caráter irregular e pouco coeso do ato de contar e escrever a própria história. O papel da pesquisadora é, portanto, semelhante ao do leitor “cão de caça”, que fareja as possíveis “deformações” deixadas pelo autor no texto e não na própria identidade, haja vista que no objeto pesquisado não há ruptura do pacto autobiográfico, ou seja, autor, narrador e personagem são a mesma pessoa.

Para mostrar que as fronteiras entre ficção e realidade não são bem definidas, a pesquisadora faz uma reflexão sobre o jornalismo literário, elaborado na década de 1960 nos Estados Unidos para reintroduzir no jornalismo técnicas narrativas, deixadas de lado a partir do momento em que as matérias e reportagens começaram a se pautar, já no século XX, pela imparcialidade, objetividade e neutralidade, dentro de uma lógica capitalista de produção.

Esta reflexão se mostra relevante pelo fato de o Alfredo Sirkis, no livro, utilizar demasiadamente a técnica narrativa e, em entrevista concedida ao pesquisador da Unicamp, Mario Augusto Resende, em 2005, mencionar o jornal *O Pasquim* como referência para a escrita de *Os Carbonários*.

Também será feita a contextualização a partir das análises de Flora Sussekind (1985) acerca da produção literária do período em que Alfredo Sirkis escreveu *Os Carbonários*, haja vista a grande quantidade de livros lançados sobre a Ditadura Militar, seja em forma de relatos de experiências próprias, como o próprio Alfredo Sirkis e Fernando Gabeira, seja em forma de realismo mágico. A autora descreve uma série de categorias para inscrever essas produções, inserindo Alfredo Sirkis no que denominou “cárcere do eu”.

Por fim, será feita a análise do livro *Os Carbonários*, destacando os elementos ficcionalizantes a partir da escrita e da utilização de imagens que recorrem a um efeito de histórias em quadrinhos. Com isso, pretende-se mostrar que a escrita das memórias em momento bastante posterior aos fatos ocorridos e em local que não mais oferecia riscos ao autor contribuiu para um tom mais aventureiro às narrativas, interferindo na leitura e ressaltando o embaçamento na pretensa linha de separação entre ficção e realidade.

2. No território da memória e da literatura

Segundo Philippe Lejeune (2008), Larrousse contrapõe autobiografia, uma espécie de confissão, e memórias, que pode ser um fato alheio ao narrador. Entretanto, Philippe Lejeune (2008, p. 53) destaca que autobiografia também pode designar “qualquer texto em que o autor parece expressar sua vida ou seus sentimentos” e caracteriza a autobiografia em dois sistemas:

1. “Real” – em que o compromisso autobiográfico, mesmo passando pelo livro e pela escrita, tem valor de ato.
2. Literário – escrita não tem pretensões à transparência, mas pode perfeitamente imitar, mobilizar as crenças do primeiro sistema.

Para Philippe Lejeune (2008), “fenômenos de ambiguidade ou de mal-entendido vêm dessa posição instável” e é deste posicionamento inconstante que a pesquisa se vale para refletir sobre as nuances sobre a verdade dos discursos, principalmente quando se trata da memória e suas falhas no processo de lembrança e esquecimento.

Conforme explicação de Michael Pollak (1992), existem os acontecimentos vividos pessoalmente e aqueles “vividos por tabela”, ou seja,

acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.

O mesmo autor menciona que a memória é constituída por pessoas, personagens e lugares.

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos. (POLLAK, 1992, p. 3)

Jacques Le Goff (1990, p. 368), por sua vez, destaca o papel das manipulações conscientes ou inconscientes na memória individual, que é permeada por influências múltiplas, tais como: interesse, afetividade, desejo, inibição e censura, seja pela lembrança ou pelo esquecimento. Entretanto, para Philippe Lejeune (2008), o autobiógrafo não ficcionaliza suas lembranças ao escrevê-las. Ao contrário:

O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção. [...] É claro que, ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los. Mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel à minha verdade. (LEJEUNE, 2008, p. 104)

Alfredo Sirkis escreve a apresentação do livro narrando sua volta ao Brasil e o reencontro com a família e companheiros de militância política no Aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro. Ele corrobora o posicionamento de Michael Pollak e Paul Ricoeur ao afirmar que: “De volta ao patropi reescrevi algumas passagens depois de rever pessoas e ruas”. (SIRKIS, 1980, p. 10)

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. (POLLAK, 1992, p. 4)

O filósofo Paul Ricoeur afirma que a memória é intelectual e sensitiva, pois é composta por imagens que são apreendidas pela sensibilidade e influenciadas pela experiência. Há semelhanças entre o fato do passado, mas há mais uma imitação do que um retrato fiel. O distanciamento temporal da experiência promove novas construções de imagens sobre aquele momento a partir da interferência de outras vivências, emoções e esquecimentos. (CRUZ, 2012, p. 119)

O fato de Alfredo Sirkis ter escrito suas memórias do período de militância política na Ditadura Militar brasileira no exílio em Portugal, ou seja, sem um registro diário do que passou, contribuiu para a recuperação dessas lembranças em um contexto ameno, permitindo uma escrita mais ágil e favorecendo um tom de aventura à narrativa.

Essa perspectiva pode ser vista no próprio livro, haja vista que, antes do início propriamente dos registros memorialísticos, o autor faz uma pequena apresentação dos carbonários, que formaram um grupo no século XIX em reinos da futura Itália para combater o autoritarismo austro-burbônico.

Ao final, Alfredo Sirkis afirma que “as aventuras desses conspiradores e guerrilheiros derrotados no século passado evocaram ao autor umas tantas analogias com contextos distantes e muito posteriores...”. (SIRKIS, 1980, p. 16). No encerramento do que chamou pre(pos)fácio, ele sentenciou: “pra início de conversa, quero ser apenas um contador de histórias”.

A partir da perspectiva histórica e literária, Flora Sussekind (1985) fez uma análise dos livros que foram publicados no mesmo período de *Os Carbonários*, ressaltando o verdadeiro *boom* de livros com relatos memorialísticos, “literatura do eu”, e as narrativas fantásticas, dois estilos predominantes que inundaram o mercado editorial. Para a autora, a procura por essas leituras tinha duas explicações: *mea culpa* da classe média que apoiou o golpe de 1964 e a nova geração de leitores à procura de relatos não oficiais, que era público-alvo de Alfredo Sirkis, haja vista a dedicatória no livro com o poema de Alex Polari “À Geração dos Anos 80”.

Dos vários escritos – relatos, romances, narrativas fantásticas – enumerados por Flora Sussekind (1985), *Os Carbonários* foi inserido na categoria intitulada “cárcere do eu”, segundo a qual priorizava a vida do narrador em detrimento dos demais personagens, que se assemelhavam a “fantasmas” nas narrativas. Outra característica:

O romance teatraliza uma espécie de conversa ao pé do ouvido do leitor, na qual esse ‘ego-narrador’ ocupa a boca de cena evidentemente. Este o narrador preferido também por essa prosa com dicção autobiográfica que dominou o panorama literário brasileiro de fins dos anos 70 e início da década de 80. (SUSSEKIND, 1985, p. 54-55)

Essas análises contribuem para a reflexão de que a fronteira entre ficção e realidade é mais esfumada do que se imagina, revelando que separação entre dois polos opostos se faz frouxa, haja vista que o processo de ficcionalização começa na própria linguagem.

A linguagem permitiu ao homem criar um mundo pleno de conceitos, abstrações e valores, um universo de ficções, como a própria linguagem. Ficção porque não existe fora dos parâmetros da ‘civilização’, da ‘cultura’, da ‘sociedade’; porque nasceram ambos, linguagem e mundo abstrato-conceitual, de metáforas intuitivas. (GONRING, 2007, p. 20)

A linguagem é, portanto, a mediação utilizada pelos homens para se referir ao mundo e está alinhavada com os processos não lineares, inconclusos e mesmo falhos da memória humana.

3. Elementos ficcionalizantes em *Os Carbonários*

A partir das reflexões acerca da memória e seu armazenamento, a análise do livro *Os Carbonários* traz à tona algumas perguntas:

1. Como contar uma história de um período de 44 meses, entre outubro de 67 e maio de 71, em uma narrativa linear, sem qualquer lapso de memória?
2. Por ser perseguido, Alfredo Sirkis constantemente trocava de “aparelhos”, casas/apartamentos que serviam de moradia para os militantes, o que dificultava a escrita de diários para registrar detalhes e acontecimentos marcantes e poderia ser usado como prova de subversão. Portanto, como pôde lembrar com tamanha riqueza de detalhes ambientes e personagens e compor um livro de mais de trezentas páginas?

Escurecia. Luzes da Cinelândia e faróis dos veículos engarrafados. Hora do *rush*. A sinfonia ansiosa das buzinas, o zumbido daqueles besouros metálicos ecoava nos prédios e se perdia na direção do Aterro do Flamengo, de onde eu vinha a passadas largas, apressadas. (SIRKIS, 1980, p. 19)

3. Como lembrar também com detalhes o episódio que remonta ao sequestro do embaixador da Alemanha?

Acendi mais um cigarro e me ergui pra esticar um pouco as pernas e olhar a rua escura. Ia sentando de novo quando estouraram na minha vista os faróis vindos de trás da curva. O opala azul-metálico, saído de um filme de ação americano, encostou ao nosso lado.

A porta se abriu. Era o Bacuri de camisa aberta, blusão e cabelo esvoacante, 38 na mão. Dentro do carro, o chofer e dois vultos no banco de trás.

– Caixote!

Num piscar de olhos, abrimos as portas laterais da Kombi e colocamos no chão. Daniel surgiu na minha frente, trazendo pela mão um senhor muito comprido de terno cinza em desalinho e olhos míopes assustados. (SIRKIS, 1980, p. 186-187)

4. Como lembrar fielmente o diálogo que manteve com o embaixador suíço, Giovanni Enrico Bucher?

– Pô, e o senhor acredita nisso?

Minha voz soou cética sob o capuz.

– O ministro é um homem distinto. Mas aí existe naturalmente *la raison d'État*. Se vocês me disserem que as torturas continuam, não vou deixar de acreditar.

Disse acreditar, com sotaque no crê.

– Conheço bem o país de vocês, estou aqui há cinco anos, Conheço os empresários, mas também já frequentei favelas. Acho a miséria espantosa. Mais espantosa a causa do luxo da pequena parcela rica, riquíssima.

– É isso aí. O capitalismo. Por isso que a solução é o socialismo. A revolução.

Eu preparava-me pra nova esgrima, com novo embaixador.

– Às vezes é a única saída, em países atrasados. Talvez alguma forma de socialismo seja a solução pro Brasil. Mas acho difícil vocês conseguirem isso, Talvez impossível. São poucos e o povo não os conhece. É analfabeto e trabalha para comer todos os dias. Não liga para política e parece contente com o carnaval e o tricampeonato.

– Podemos tentar, né? Os bancos suíços com certeza é que não vão gostar.

Ele se remexeu novamente, enxugou o suor da testa e reclamou do calor dos diabos. Realmente, fazia quase quarenta graus naquele dia.

– Eu sou o representante do governo suíço, os bancos têm outros canais próprios. Sou um simples diplomata de carreira. Represento meu país nos vários continentes. Minha interferência pelo Jean Marc von der Weid teve seu custo. Gibson passou a me tratar friamente nas recepções. Sei que o ministro Buzaid não gosta de mim. Homem estranho, tem uma cara horrorosa.

Ele agora estava com toda a corda.

– Bem, diríamos, então, que o senhor está praticamente do nosso lado?

Levantou as duas mãos nem gesto de não-me-comprometa e sentenciou com a voz ligeiramente empostada e sotaque um pouco mais perceptível.

– Não, porque sou contra uma violência que sofri. Além disso, estou com receio que aconteça algum problema... o que vai acontecer se descobrirem a casa?

– A segurança da casa é perfeita. Ninguém nos viu entrar, a repressão perdeu completamente o traço. Agora, se descobrirem, resistimos até o fim e morremos todos. (SIRKIS, 1980, p. 259-260)

Esses aspectos foram ressaltados para levar o leitor a refletir sobre o processo de leitura e as diversas nuances que um texto traz, principalmente quando seu autor afirma com tamanha veemência a verdade, como se pudesse ou estivesse imune da ficcionalização ao escrever suas memórias, sua realidade, sua verdade.

4. Considerações finais

O trabalho permitiu avaliar algumas nuances existentes entre fic-

ção e realidade, mostrando que o tema é vasto e que longe está de um consenso. A partir do entendimento da linguagem como um meio utilizado para o homem interpretar/representar o mundo, a pesquisa fez uma reflexão acerca da ficcionalização da realidade, com a utilização do termo de Nietzsche “resíduo de metáforas”.

As próprias leituras sobre memória corroboram a ideia de que as lembranças passam por um “processo de edição” e a pena não cai da mão dos autobiógrafos ao pensar em escrever uma linha de ficção, tal como sugere Philippe Lejeune. E com as análises dos elementos ficcionalizantes em *Os Carbonários*, pretendeu-se mostrar como o percurso para a transcrição das vivências é sinuoso e cheio de rastros para a detecção das “falhas” ou “deformações” pelos leitores cães de caça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Fábio Lucas da. A história e as memórias do exílio brasileiro. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*. Florianópolis, n. 20, p. 115-137, 2012. Disponível em: http://www.anpuh-sc.org.br/rev%20front%2020%20vers%20fin/f20%20art_dossie6_exilio_fabio%20cruz.pdf.

GONRING, Denise. *Do jornalismo na fabulação do real: narrativa jornalística e ficção*. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp044742.pdf>.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad.: Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1991.

SIRKIS, Alfredo. Entrevista com Alfredo Sirkis. Disponível em: <http://josekuller.wordpress.com/42-entrevista-com-alfredo-sirkis>. Acesso em: ago./2013.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Os carbonários*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.